

## ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA SÍFILIS EM GESTANTES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

MYLENA PAULA PAIVA NIDECK<sup>1</sup>; BEATRIZ DE OLIVEIRA E CASTRO<sup>1</sup>; MARINA PACHECO ROBERT PINTO<sup>1</sup>; LUÍZ CLÁUDIO DE OLIVEIRA DA SILVA FILHO<sup>1</sup>; RODRIGO MAGALHÃES<sup>1</sup>; KATIA GLEICIELLY FRIGOTTO<sup>2</sup>

1. Acadêmico do curso de medicina da Universidade do Grande Rio Professor José Herdy (UNIGRANRIO)
2. Médica pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

### INTRODUÇÃO

A sífilis gestacional representa um grave problema de saúde pública, que quando não tratada, ou tratada inadequadamente, está associada a complicações perinatais, como o aborto espontâneo, morte fetal ou neonatal precoce ou ainda sequelas perinatais. Segundo o Ministério da Saúde, a incidência de sífilis congênita no Brasil triplicou entre 2009 e 2015. A transmissão pode ocorrer em qualquer fase gestacional ou estágio clínico da doença materna. Os principais fatores que determinam a probabilidade de transmissão vertical da sífilis são o estágio da doença na mãe e a duração da exposição do feto no útero. O pré-natal é o único momento possível para a identificação e redução dos riscos, através da triagem sorológica, e o tratamento adequado da gestante e parceiros. Para isso, o acesso, a utilização e a qualidade dos serviços de saúde são essenciais para a captação precoce das gestantes e para o acompanhamento gestacional.

### OBJETIVOS

Analisar o perfil epidemiológico dos casos de sífilis gestacional no estado do Rio de Janeiro no período de Janeiro de 2017 a dezembro de 2021.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo usando dados secundários referentes à sífilis gestacional no estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde, e as variáveis selecionadas foram: faixa etária, raça, classificação clínica, escolaridade, teste treponêmico, e idade gestacional do diagnóstico de sífilis. O programa *Microsoft Excel* foi utilizado para tabulação e análise de dados.

### RESULTADOS E CONCLUSÃO

No período de 2017 a 2021 foram notificados 43.063 casos de sífilis gestacional no estado do Rio de Janeiro. No intervalo compreendido até 2020, houve uma curva crescente dos registros da doença, sendo 18,46% em 2017, 21,74% em 2018, 23,15% em 2019, e 26,60% em 2020 (Gráfico 1). Mesmo com as restrições ocasionadas pela pandemia do COVID-19, 2020 teve a maior taxa de diagnósticos comparado aos anos anteriores avaliados.

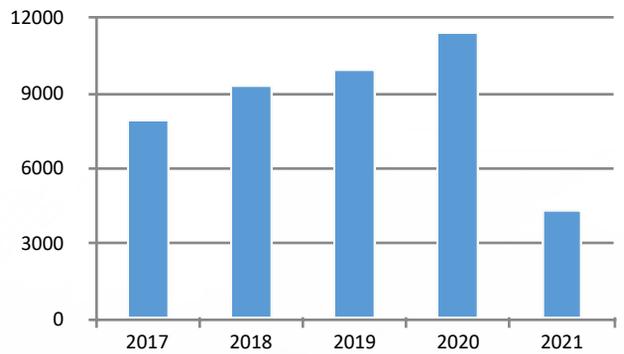


Gráfico 1 - Número de casos de sífilis em gestantes no estado do Rio de Janeiro de 2017 a 2021

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro (SES/RJ).

Mulheres entre 20-39 anos representaram 70,45% das notificações. Quanto à raça, as gestantes pardas foram a maioria (46,63%), e em seguida as pretas (21,47%). Grávidas com ensino médio completo são a maioria, com 15,68% dos casos (Gráfico 2). O teste treponêmico foi reativo em 77,44% dos casos. Das mulheres que receberam o diagnóstico de sífilis, 40,97% estavam no 1º trimestre da gestação, no 2º trimestre, 21,58%, e no último 27,27%. Grande parte dos registros em relação à classificação clínica da sífilis nessas pacientes foi de sífilis latente (37,72%), seguida de classificação ignorada/em branco (26,25%) e sífilis primária (19,21%).

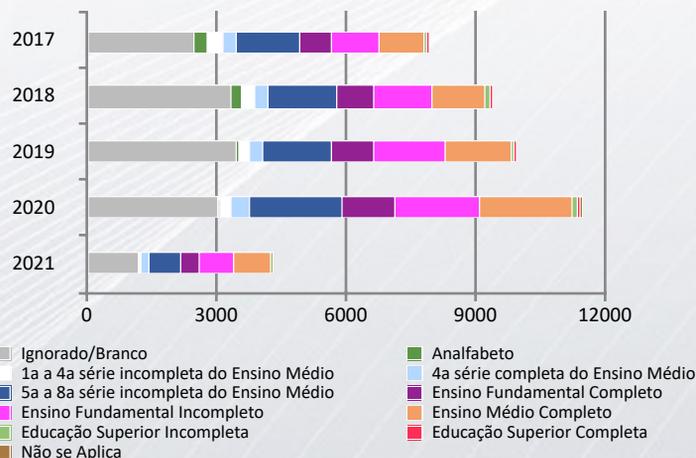


Gráfico 2 - Escolaridades das gestantes diagnosticadas com sífilis no estado do Rio de Janeiro de 2017 a 2021

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro (SES/RJ).

Dessa forma, diante da alta prevalência de sífilis em gestantes no estado do Rio de Janeiro, é fundamental a análise e o conhecimento do perfil epidemiológico da doença nessa população para que novas estratégias sejam traçadas a fim de reforçar as medidas preventivas, além do rastreamento e tratamento adequado ainda na fase inicial.